

## **Guerra e paz: práticas pedagógicas possíveis aos alunos em fase de alfabetização**

Édina Soares Maciel<sup>1</sup>

Para Giolitto<sup>2</sup> (1986), uma das maiores dificuldades no ensino de História para crianças é decidir que conteúdos devem ser ensinados e/ou que acontecimentos históricos merecem ser abordados com elas. Esse autor, citando o historiador Marc Ferro, aponta seis critérios para a escolha dos conteúdos:

1. Aqueles que, na época em que foram produzidos, foram percebidos como de grande importância e, a seu respeito, as populações se sentiram altamente interessadas; 2. Aqueles que foram conservados pela memória das sociedades como grandes acontecimentos; 3. Aqueles que trouxeram mudanças na vida dos Estados e das Sociedades e têm, assim, efeitos de longa duração; 4. Aqueles que, por seu significado, deram origem a múltiplas interpretações e debates, até os dias atuais; 5. Aqueles que repercutiram além dos lugares onde foram produzidos; 6. Aqueles que sobreviveram pelas numerosas obras que suscitaram, como romance e filmes.

Na continuidade, Giolitto<sup>3</sup> ressalta que a noção de acontecimento integra também “o não-acontecimental relativo à vida cotidiana dos homens (o que deve ocupar um lugar de destaque na escola primária).”

Essas considerações iniciais tiveram como propósito estabelecer os pressupostos que norteariam o destaque dado ao conceito de “guerra”, numa classe de primeira série da Escola Fundamental do Município de Araucária.<sup>4</sup> Essa classe comportava cerca de vinte e sete alunos com idade entre 6 e 8 anos, em fase de alfabetização.

Segundo a proposta curricular em vigor, o conteúdo a ser trabalhado no bimestre era “a história das famílias e da sua vida cotidiana”. A metodologia de ensino de História, que vem sendo utilizada com base nas diretrizes curriculares e foi sugerida nos cursos de formação continuada dos professores do município, propõe a utilização de documentos históricos em aula, sendo essa uma sugestão bem assimilada nos trabalhos desenvolvidos, tendo em vista que

Hoje, o desafio de usar diferentes documentos como fonte de produção para o conhecimento histórico e também como veículo para o ensino da História é amplamente debatido. Da mesma forma, busca-se diversificar as possibilidades de uso de documentos históricos em sala de aula com o objetivo de construir propostas de ensino identificadas com as expectativas e cultura do aluno. Uma das fontes mais interessantes para trabalhar em sala de aula refere-se ao conteúdo de documentos guardados na casa do próprio aluno.<sup>5</sup> (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 105)

Assim, nessa prática docente, buscou-se definir estratégias de trabalho que levassem os alunos a pesquisar e identificar documentos relacionados com o conteúdo proposto, bem como permitir que eles analisassem o material coletado com base em seus conhecimentos prévios. Essas estratégias levaram à produção da narrativa histórica por parte do aluno e fizeram com que ele pudesse se sentir sujeito da história e produtor do conhecimento histórico.

Ao pedir aos alunos para trazerem de casa alguns objetos ou documentos do passado, o que mais chamou atenção da turma – dentre tantos outros igualmente importantes como fotos, moedas, livros antigos – foi um depoimento que a aluna Andressa trouxe. O relato foi feito oralmente pela sua avó, Dona Wanda, e diz respeito a seu pai, bisavô da aluna. A mãe de Andressa, Dona Vergelina, foi quem transcreveu o depoimento, pois a avó não sabe escrever:

Este senhor é um bravo valente. Serviu a guerra: sofreu de ver os amigos e companheiros serem mortos na frente dele, pois estavam todos lutando juntos. Minha mãe Victória contava pra nós tudo o que ela conseguia lembrar da guerra. Eu era pequena e não tinha noção do que era a guerra e nem o que acontecia. Mas, lembro bem de quanto o meu pai sofreu quando ele voltou da guerra: começou a beber, não comia, não tinha mais paz, pois foi se entregando até a morte, este bravo pai, avô e bisavô que nós amamos muito, foi morar com o papai do céu, mas deixou sua história real e antiga desse meu querido bisavô.<sup>6</sup> (PATHEK, 2004)

O depoimento exprime as impressões da avó, Dona Wanda, quanto aos sentimentos do pai em relação à guerra e de como ele passou o “restante” de sua vida com esse grande trauma que culminou em seu suicídio.<sup>7</sup>

Esse depoimento despertou um enorme interesse dos alunos, particularmente pela presença forte do tema “guerra”. Decidiu-se, então, fazer uma intervenção pedagógica sobre esse assunto, deixando suspensos, por ora, os conteúdos sugeridos na proposta curricular, uma vez que foi grande o entusiasmo criado pelo depoimento e que ele trouxe à baila um conteúdo não-previsto. Os critérios de relevância dos conteúdos, indicados por Giolitto,<sup>8</sup> justificam essa intervenção e são reforçados pela manifestação de interesse apresentada pelos alunos.

No entanto, como fazer essa intervenção diante da complexidade do tema e do fato de se estar trabalhando com crianças em fase de alfabetização? Ou seja, como afirma Carretero,<sup>9</sup> “como fazer com que as crianças possam visitar este estranho país chamado passado?” (1997, p. 82). Como aponta ainda esse autor, “é importante levar-se em conta que, embora o ensino de História implique na transmissão de um conhecimento sobre o passado, este se faz por meio de ferramentas conceituais que tem sentido no presente.” (p. 84)

Nesse sentido, optou-se por tomar como objeto de trabalho o desenvolvimento de conceitos sobre guerra e paz com os alunos, iniciando-se com uma investigação sobre os seus conhecimentos prévios acerca desses temas, considerando que o que se pretendia era de fato aprimorá-los.

É importante destacar que realizar um levantamento sobre as idéias dos alunos quanto aos conceitos e temas que queremos ensinar é fundamental, uma vez que as informações podem parecer óbvias apenas sob o ponto de vista do adulto. É preciso, então, num primeiro momento, conhecer o que as crianças pensam para que se possa ir diminuindo a distância entre o que compreenderam e o que poderão vir a compreender (AISENBERG, 1994).<sup>10</sup> Buscar um entendimento mais objetivo possível é a tarefa central do professor concebido como mediador essencial no processo ensino-aprendizagem.

Para poder hacerlo, es imprescindible que esas distorsiones surjan en la clase, única manera de conocerlas, para poder intervenir. No pretendemos sostener que por nuestra intervención, por

nuestras explicaciones, vamos a anular totalmente estas distorsiones, pero sí podremos reducir la distancia en algunos casos, acercando a los niños a tomar conciencia de que la diferencia existe.”<sup>11</sup>

Para que a intervenção seja efetiva, faz-se necessário entender a realidade social das crianças, pois elas recebem informações de um mundo cheio de conflitos sociais, ideológicos e religiosos, os quais muitas vezes resultam em guerras.

Logo no primeiro levantamento de conhecimentos, constatou-se o quanto as crianças já relacionavam suas experiências sociais com as informações veiculadas na mídia, como a aluna Thalysa, que chegou a comentar que viu no jornal uma reportagem sobre uma “bomba” que machucou um menino. Foi-lhe solicitado que trouxesse o artigo para a sala de aula e, no outro dia, a professora fez uma leitura para a turma, bem como uma contextualização, localizando a Rússia no mapa e comentando as dificuldades sofridas pelas pessoas, conforme a reportagem. Ao mesmo tempo, as crianças foram relatando outros acontecimentos relacionados à violência, dos quais elas tomaram conhecimento por outros meios de comunicação ou em seu próprio cotidiano.

Essa leitura de mundo é fundamental em sala de aula, uma vez que os conceitos históricos são compreendidos pela relação que o aluno faz com sua realidade humana e social. Até porque, quando um aluno procura explicações para uma situação do passado, à luz da sua própria experiência, já está revelando um esforço de compreensão histórica.

Após as reflexões sobre os fatos contados e noticiados, o encaminhamento metodológico da exploração do depoimento de Dona Wanda caracterizou-se por investigar quais eram os conhecimentos prévios dos alunos quanto à prática social em relação aos conceitos de guerra e paz. A opção pela contraposição entre esses termos teve como referência a perspectiva de Wallon (1989),<sup>12</sup> segundo a qual o pensamento da criança, mesmo em seus primórdios, está longe de ser inorganizado e se constata, desde o início, a existência de elementos que estão sempre aos pares pois, “Todo termo identificável pelo pensamento, pensável, exige um termo complementar, com relação ao qual ele seja diferenciado e ao qual possa ser oposto” (p. 30). Na mesma direção, afirma o autor, “no par,

afrontam-se duas condições, dois momentos exatamente complementares do pensamento: unidade e diferenciação, assimilação e pluralidade” (p. 81).

Nesse sentido, foi solicitado aos alunos que desenhassem e/ou escrevessem o que entendiam sobre guerra e paz. Ao analisar esse material, concluiu-se que a diversidade de respostas ocorreu conforme a vivência de cada um, e que nenhum aluno deixou de responder às questões. Observou-se, ainda, que eles não fizeram nenhuma pergunta solicitando esclarecimentos sobre essa atividade.

Para iniciar o trabalho com o conceito “guerra”, procurou-se um recurso didático, cuja escolha recaiu sobre um livro de literatura infantil com o qual as crianças pudessem estabelecer uma empatia histórica, pois

Os relatos são importantes. São tão fundamentais na vida cotidiana como o são para os historiadores. Há conflitos de personagens, gostos e aversões naturais, amores e ódios..., os conflitos, as irracionalidades, as lealdades divididas, dramas e tragédias. As crianças pequenas se encontram à vontade escutando contos. Ampliam sua experiência e seus conhecimentos. Os contos afetam seu desenvolvimento intelectual porque elas não os escutam de forma passiva”<sup>13</sup> (COOPER, 2002, p. 82).

O livro escolhido – *Por quê?*<sup>14</sup> – trata, em síntese, da “guerra” entre sapos e ratos pela conquista de um jardim e de suas flores, mas na história ninguém é vencedor, pois, em função do conflito, todos acabam destruindo o jardim e não podem mais usufruir daquele belo lugar. Esse livro tornou o tema “guerra” muito significativo e ao mesmo tempo lúdico.<sup>16</sup> O final da história fez com que os alunos refletissem realmente sobre o quanto um conflito pode ser nocivo, conforme o contexto.

Dessa forma, foi proposta uma problematização aos educandos: Como poderia ser resolvido o conflito ocorrido entre os diferentes grupos (sapos e ratos)? As respostas foram diversas e algumas mencionaram a questão da territorialidade: “Eles poderiam fazer uma cerca e cada um ficava com a metade do o jardim.” Houve também quem sugerisse a utilização do espaço em conjunto, usufruindo das flores: “Eles parariam com a guerra e plantariam tudo de novo e fariam amizade.”

Enfim, conforme as respostas foram sendo formuladas, levantaram-se alguns questionamentos e exemplos de acordo com a vivência das crianças: É preciso colocar

cercas na sala de aula para conviver bem com os colegas? Por que há muros que separam um terreno do outro? E se não houvesse separação? Após a discussão sobre essas questões, foi lançada a seguinte pergunta: Por quê, então, acontecem as guerras? As crianças, com o auxílio da mediação, concluíram que é para conseguir o que se quer, e que isso em geral resulta em “poder”.

Após a conclusão, foram distribuídas cópias do relato da avó de Andressa e, conforme a sua exploração, constatou-se que as crianças apresentaram algumas dificuldades para construir referenciais temporais. Assim, foi feita uma intervenção pedagógica com a construção da linha do tempo, com datas significativas para eles (seu nascimento, o da professora, o da fundação da escola, o início da Segunda Guerra Mundial). Outro recurso utilizado para contextualizar foi a localização, no mapa, dos países onde ocorreu a guerra.

Com base no pressuposto de que a relação presente/passado é importante para se compreender diferenças entre períodos históricos, Aisenberg afirma que:

...Para comprender una organización social em cualquier época de la historia el referente infantil es su conocimiento sobre la sociedad actual. Esto produce distorsiones en la comprensión de las sociedades del pasado, porque los niños les atribuyen significados que son de nuestra realidad.

Es cierto que también los adultos interpretamos el pasado desde la actualidad. La historia es una teoría actual que trata de explicar el pasado, y en gran medida las investigaciones que se realizan están relacionadas con problemas del presente.<sup>17</sup>

Sendo assim, para reforçar os referenciais temporais, foi proposto aos alunos que – por meio do relato de Andressa sobre a avó e de questionamentos como: O que ela fazia? Do que brincava? – procurassem reconstituir os fatos do cotidiano de Dona Wanda. E, em seguida, desenhassem-na e escrevessem sobre ela, procurando estabelecer um paralelo com a realidade atual, ou seja: O que as crianças fazem hoje? Do que brincam?

A busca constante da relação entre passado e presente é primordial para que a criança vá construindo conhecimentos e também amplie suas concepções. Assim, foi possível verificar que a avó de Andressa realizava atividades bem diferentes daquelas que eles costumam realizar. A relação professor-aluno, baseada na intervenção pedagógica,

propiciou a construção do conhecimento de forma a integrar os saberes prévios a novas compreensões.

Para trazer à tona os conhecimentos, entendidos como prévios, em relação ao tema paz, foi utilizado o livro de literatura *Tempos de paz*.<sup>19</sup> Essa obra traz noções simples, relacionadas ao bem-estar físico individual e vai aprofundando o conceito, atingindo ao final questões sociais e de direito. O objetivo era explorar quais são os tipos de “guerra simbólica” (situação conflituosa) que temos hoje: pessoas sem emprego, alimento, enfim sem seus direitos assegurados. Após a leitura, foi feita uma discussão e, nesse ínterim, algumas inferências dos alunos mereceram destaque, porque são surpreendentes e também porque abrem caminho para muitas outras problemáticas a serem discutidas.

Na atividade “Desenhe e escreva o que é guerra para você”, o aluno Matheus Gabriel mencionou que “é o prefeito prometer e não cumprir.” Mediando o trabalho, a professora explicou que isso também é um grande problema e leva as pessoas a muitas dificuldades. Ao realizar a atividade “Desenhe e escreva o que a guerra causa nas pessoas hoje”, a aluna Laís relatou: “o prefeito deveria dar comida, emprego, entre outros.” E, logo após, uma colega (Emily) mencionou que “as fábricas trazem dinheiro e o prefeito deve trazê-las.” Na verdade, nesse momento, a própria Emily mediou a primeira informação, já que a compreensão pretendida era a de que a resolução do problema da fome não seria o assistencialismo de dar comida, mas o de procurar garantir acesso ao emprego. Emily demonstrava com sua colocação estar conectada aos assuntos veiculados na mídia, por ser Araucária um pólo industrial representativo no Paraná.

Após as discussões, alguns alunos entenderam que a falta de direitos assegurados é uma forma de perder a paz. Foi então em torno dessa idéia que se estabeleceu uma interação com a turma, buscando ampliar suas compreensões, assim como foi feito com o tema “guerra”. Então, contando com os conhecimentos prévios dos alunos, foi proposta a atividade “Desenhe e escreva o que é paz para você”, a qual resultou em várias compreensões que vieram à tona ligadas ao bem-estar individual: dormir em paz, dispor de silêncio, escutar música, amar, viajar, descansar, entre outras possibilidades.

A transformação limitada desses conceitos, deu-se à medida que houve a análise de uma proposta de texto diferenciado em relação a história do livro *Por quê*. Nesse momento, os alunos apresentaram alternativas bem elaboradas para se viver em comum e até de reconstruírem o espaço juntos, compartilhando o que havia nele. Emily escreveu o seguinte: “Começou assim: a rã tinha pegado a flor e saiu um rato debaixo da flor e a rã ficou assustada. Ela viu que era o rato e começou a briga. Para evitar esse problema os dois não deveriam ter feito a guerra. Esta história ajudou a pensar que nem sempre as coisas são do seu jeito.”<sup>20</sup>

Essas idéias levam às considerações finais que corroboram com Aisenberg (1994) quando essa autora trata da importância de ir diminuindo distorções em relação aos conceitos, levando os alunos a expressar-se e a construir sua própria compreensão histórica por meio de suas narrativas, mesmo que essas ainda se apresentem de forma precária sob o ponto de vista dos adultos. Notável é que os alunos, mesmo em fase de alfabetização, conseguiram desenvolver qualitativamente sua concepção quanto ao tema “guerra e paz”, bem como se mostraram sujeitos na produção de novos conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Pedagoga e professora da Rede Municipal de Educação de Araucária. Responsável pela coordenação das Escolas Rurais na SMED.

<sup>2</sup> GIOLITTO, P. *L'enseignement de l'histoire aujourd'hui*. Paris: Armand Colin-Bourrelie, 1986.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>4</sup> Trata-se da Escola Fundamental Alderico Zanardini Ozório.

<sup>5</sup> SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

<sup>6</sup> PATHEK, W. *Relato*. Araucária, 2004. (Avó da aluna Andressa da 1.ª série da Escola Municipal Alderico Zanardini).

<sup>7</sup> Informações como a do suicídio de Leopoldo Pavilik foram coletadas pela professora/pesquisadora, por meio de uma visita à casa de Wanda Pathek.

<sup>8</sup> GIOLITTO, op. cit.

<sup>9</sup> CARRETERO, M. *Construtivismo e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

<sup>10</sup> AISENBERG, B. Para qué y cómo trabajar en el aula con los conocimientos previos los alumnos: un aporte de la psicología genética a la didáctica de estudios sociales para la escuela primaria. In: AISENBERG, B.; ALDEROQUI, S. (Comps.). *Didáctica de las ciencias sociales*. Buenos Aires: Paidós, 1994.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 149.

<sup>12</sup> WALLON, H. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1989.

<sup>13</sup> COOPER, Hilary. *Didáctica de la historia em la educación infantil y primaria*. Madrid: Morata, 2002.

<sup>14</sup> POPOV, N. *Por quê?* São Paulo: Ática, 2003.

<sup>16</sup> Lúdico, porque o autor utiliza rimas muito divertidas, despertando o riso das crianças.

<sup>17</sup> ALDEROQUI; AISEMBERG, op. cit., p.146-147.

<sup>19</sup> INGPEN, R. *Tempos de Paz*. São Paulo: Global, 2000.

<sup>20</sup> Texto modificado pela professora apenas em relação à ortografia e às concordâncias.